

# Amazônia é a Mata Atlântica de amanhã

■ Floresta, que era responsável por 14% da produção madeireira na década de 70, responde agora por dois terços do que é explorado

EDILSON MARTINS  
Especial para o JB

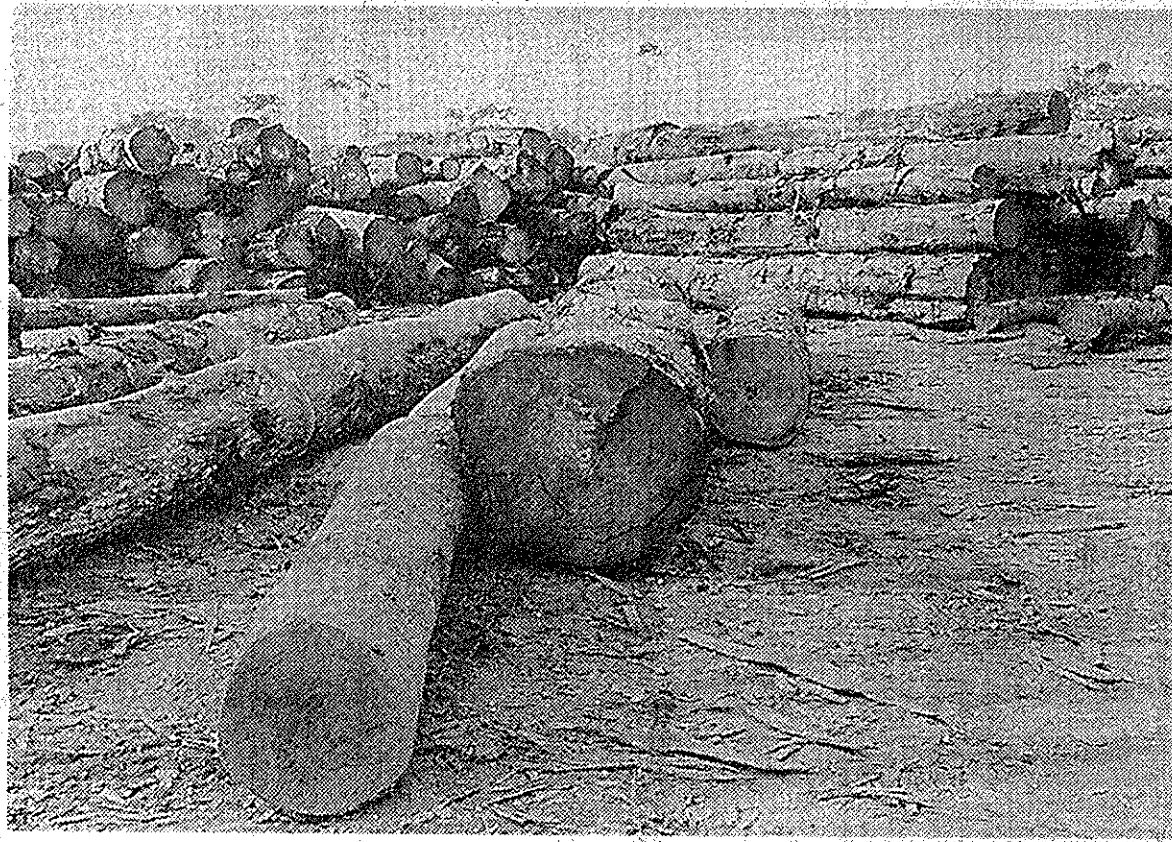
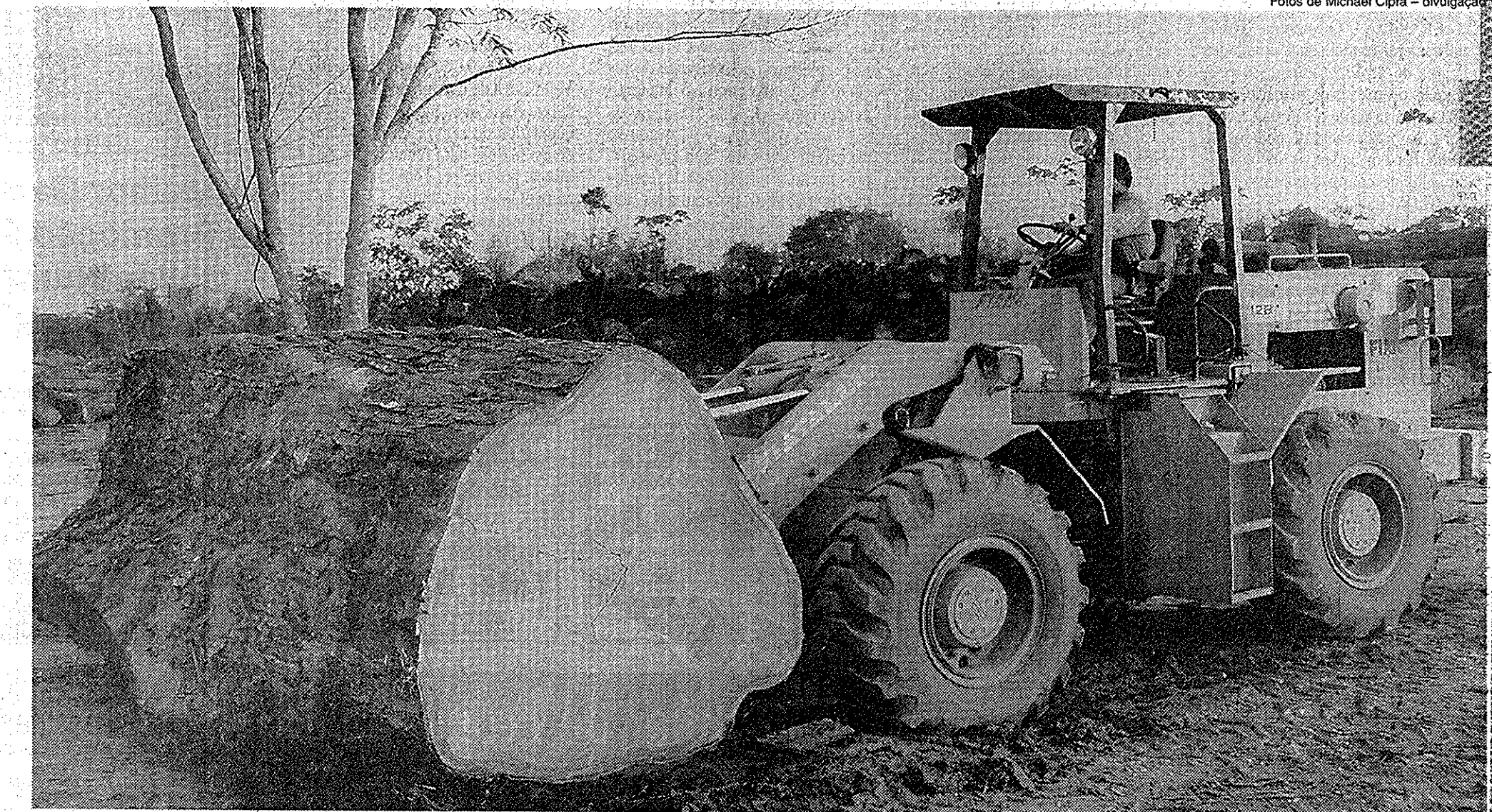
Nunca, que se tenha notícia, a Amazônia teve um verão como esse último. Enquanto o mundo acompanhava pela televisão as pessoas com máscaras nas cidades asiáticas, no mesmo momento, nas ruas de Manaus, Parintins, Manacapuru, Itaituba, Marabá, Creporizinho, Porto Velho e Rio Branco, as populações amazônicas enfrentavam um verdadeiro inferno: calor acima de 40 graus, fumaça noite e dia, hospitais atendendo a casos de doenças respiratórias, aviões sem condições de navegabilidade e barcos à deriva nos rios secos da região. No Amazonas houve inclusive racionamento de luz e água.

El Niño, garantem os cientistas, tem sua contribuição nessa inversão geral de condições climáticas, mas no caso da Amazônia, juntou a fome com a vontade de comer. Nunca se queimou tanto, e de forma tão irresponsável, como nessa última estação. Nunca se desmatou tanto, já que o ciclo madeireiro, liderado pelas empresas asiáticas, é o fenômeno, para não dizer crime, mais recente em toda a paisagem amazônica.

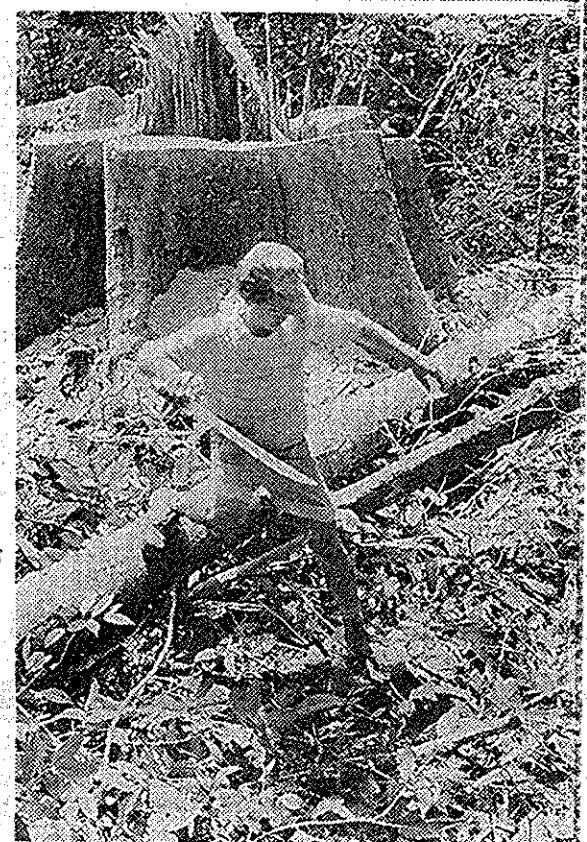
**Desmatamento** – No final da primeira década deste século, a Malásia desfecha um golpe mortal contra a Amazônia. Oferece a matéria-prima – látex, extraído da seringueira – três, quatro vezes mais barata que a borracha brasileira no mercado internacional. Até então éramos os únicos do mundo. O ciclo da borracha, e com ele sua pompa e esbanjamento, tirava o boné, e lá ficava a Malásia, pela parceria com os contrabandistas ingleses, como a grande vilã da economia amazônica.

Na dobrada do milênio, voltam, 90 anos depois, os malaios, só que desta vez, garantem os ecologistas, com uma missão mais perversa. Lançar a pá de cal no que a região tem de mais rico e vulnerável, seu banco genético, suas reservas florestais. As derrubadas que assolam a Amazônia, certamente o ciclo terminal de sua existência enquanto reserva biológica, têm nas madeiras da Malásia a liderança, já que todas procedem do Sudeste Asiático, onde nada mais há a desmatar. Os malaios, ontem como hoje, repetem a cronologia do desastre, do crash. O “que floresçam 100 flores” da China maoísta agora atende por “que se derrubem 1 milhão de mognos” dos tigrinos asiáticos.

**Crescimento** – O ecologista e biólogo Henrique Lobo, um dos maiores estudiosos da Mata Atlântica, principalmente da floresta do Rio Doce, acredita que a bola da vez agora é a mata amazônica. “Essa leitura de que não temos memória é uma bobagem acaciana. Na primeira metade da década de 70, a Amazônia era responsável por 14% da produção total de madeira do país. Com a exaustão da Mata Atlântica, praticamente varrida do solo nos últimos 30 anos, esse quadro se inverteu, e já no começo dos anos 90 a Amazônia produzia 70% da madeira. Hoje, na virada do milênio, esses números aumentaram. Temos memória, sim. O que não te-



A exploração de mogno e outras madeiras nobres, com o auxílio de tratores, como os utilizados no sul do Pará (ao alto e à esquerda) que chegam a custar R\$ 120 mil, e no sul do Acre (à direita), fazem com que a Amazônia tenha quadruplicado sua participação na exploração de madeira no Brasil, substituindo os antigos ciclos econômicos da borracha e o do ouro e ameaçando a sobrevivência da floresta, como já ocorreu na Mata Atlântica



mos ainda é uma consciência real desse desastre”, diz.

O professor Henrique Lobo acredita que a história do Brasil começa a partir da Mata Atlântica. Ela costeava – verbo no passado, pois está reduzida a 3% ou 5%, se tanto, de suas florestas originais – toda a linha do litoral brasileiro. Estendia-se do Rio Grande do Norte até São Paulo. A hora e vez, agora, é da floresta amazônica. Estava no banco de reserva. A Mata Atlântica cansou, seus recursos físicos se esgotaram.

A Mata Atlântica constituía e ainda constitui um bioma, caracterizado

por enorme diversidade de espécies de alto nível de endemismo. Mas isso é uma leitura acadêmica demais, e o que importa dizer é que uma longa sequência de desmatamentos, destinados às pastagens, à exploração do carvão mineral, à agricultura e atividades afins e, principalmente atividades madeireiras, praticamente eliminou esse imenso, rico e irrecuperável banco genético.

Darcy Ribeiro vivia repetindo: se fomos capazes de destruir a Mata Atlântica – 1 milhão de quilômetros quadrados – e uma das florestas mais ricas que a Terra conheceu, por que

não faremos o mesmo com a Amazônia? Muito maior – 5 milhões de quilômetros quadrados – e entretanto mais frágil, mais pobre, e com uma tecnologia destrutiva hoje muito mais contundente. São nove os países que a formam, mas o Brasil tem a parte do leão, mais de 55% de sua totalidade.

Nem as madeiras do Sudeste Asiático são as únicas vilãs dessa história, nem tampouco temos a dimensão do estrago, para o país e para o conjunto da América do Sul, resultante dessas duas perdas: Mata Atlântica e floresta amazônica. Vale lembrar que na Mata Atlântica os asiáticos não

derrubaram um jacarandá sequer.

O ecologista Augusto Ruschi, um ano antes de morrer, acreditava que a Mata Atlântica fora dizimada. “Sua perda é lastimável não só por sua importância histórica e geológica, mas também pelo que representou para toda a humanidade. A bacia do Rio Doce, o Rio Amazonas da Mata Atlântica, dispunha de 400 espécies de madeiras, uma fauna com 700 espécies de aves e uma família de animais com mais de 550 espécies distintas. Essa mata foi a mais rica em biodiversidade do mundo. Nela viveram 15% de todas as espécies animais e vegetais

do planeta. Isso tudo foi praticamente zerado”, denunciou.

A parte o que se perdeu, interessa dizer que mais de 50% da população brasileira concentra-se hoje no que restou da Mata Atlântica. Esses 11% do território brasileiro que formam a Região Sudeste dominam política e economicamente o país. Nem por isso, ou justamente por isso, essa mata foi poupada. “Escafedeu-se”, acredita o velho Luís dos Vales, habitante da margem esquerda do Rio Doce, no município de Aimorés, divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo.



## Após o ouro, madeira

A derrubada de árvores de madeiras nobres, que tem no mogno o alvo mais cobiçado, substitui na Amazônia o ciclo da mineração manual do ouro, cada vez mais decadente. A região já teve o ciclo das drogas do sertão, nos séculos 17 e 18, e, depois, o mais pujante de todos, o ciclo da borracha, que começou na segunda metade do século passado e a primeira década do atual.

Nos anos 30, o americano Henry Ford tentou sem êxito ressuscitar a era da borracha para abastecer suas fábricas de automóveis. Mais recentemente, no final da década de 60, outro americano, Daniel Keith Ludwig, seguiu a trilha de Ford com o Projeto Jari. Apoiado pela ditadura, deixou nas margens do Rio Jari uma conta que foi paga pelos brasileiros.

Os militares adotaram o lema "terra sem homens para homens sem terra", produzindo o delírio das agrovilas às margens da rodovia Transamazônica, das fazendas de gado com incentivos fiscais, legalizando a sonegação de multinacionais que produziam automóveis. Foi o penúltimo capítulo do drama da ocupação da Amazônia, que merecia o título de Inferno Verde.

Os governos civis que se sucederam após o fim da ditadura nada fi-

zeram para conter o processo de devastação. Rainor Grecco, derrubador de florestas ainda na ativa, concorda com os ecologistas: o ciclo madeireiro, que leva da floresta mogno, virola, cedro, samaúma, ardiroba, aroeira, jatobá, entre outras espécies, é a pá de cal na mata amazônica. "Uma floresta não cai de uma só vez. Vai desaparecendo aos pouquinhos. A vista vai se acostumando. Pouco importa que seja nos próximos 30, 50 anos. O que significam 50 anos em termos de humanidade? Uma fração de segundos".

Segundo Grecco, "a derrubada do mogno vive os seus últimos momentos no Sul do Pará". A ação das madeireiras já se desloca para Mato Grosso e Rondônia. Deve alcançar o Acre, e daí estender-se à Bolívia. "Me acusam de ser o nazista das florestas. Pelo menos eu comercializei as madeiras da Mata Atlântica, que seriam queimadas para dar lugar a fazendas de gado. Isso tudo significou divisas para o país e emprego para muita gente", defendeu-se.

As madeireiras contam com um lobby poderoso e recursos fartos para compra de motosserras, tratores Skider, de US\$ 120 mil, caminhões Scania e mão-de-obra importada das regiões da Mata Atlântica. (E.M.)